



Assine Época

Colunas Canais Assine

Busca

Enviar

ECONOMIA

Demian Fiocca: "O BNDES é um importante instrumento de Estado para influenciar a economia"

Em 2009, foi bem-sucedido em adotar medidas anticíclicas, diz o economista, que presidiu o banco entre 2006 e 2007

BRUNO FERRARI

09/06/2017 - 20h19 - Atualizado 31/08/2017 21h11

Compartilhar

Assine já!

Sim

“O BNDES é um importante instrumento de Estado para influenciar o desempenho da economia. Em 2009, foi bem-sucedido em adotar medidas anticíclicas”

Demian Fiocca



Demian Fiocca foi presidente do BNDES entre 2006 e 2007, durante o governo Lula. Atualmente é sócio da Maré Investimentos (Foto: Leticia Moreira/Folhapress)

ÉPOCA – Qual deve ser o papel do BNDES durante um período de recessão como este que o Brasil está passando?

Demian Fiocca – O BNDES é um importante instrumento do Estado para influenciar o desempenho da economia. Quando a crise internacional eclodiu, em setembro de 2008, a oferta de crédito dos bancos privados vinha crescendo 27% e a dos bancos públicos 26%, em termos reais. Nos 12 meses seguintes, mesmo com a redução da Selic, os bancos privados derrubaram essa taxa para 4%. Dá para imaginar a brutal recessão em que o Brasil entraria se todo o sistema financeiro tivesse o mesmo comportamento. Seria uma freada brutal, que deixaria as empresas sufocadas. Felizmente, os bancos públicos, com o BNDES à frente, mantiveram o crescimento do crédito, suavizando a desaceleração. Graças à atuação anticíclica, a oferta total de crédito desacelerou de 27% para 12%, e não para 4%.

ÉPOCA – Como o senhor avalia o direcionamento das operações do BNDES na gestão de Maria Silvia Bastos Marques?

Assine Época com 50% OFF

momento para que o banco tenha uma postura mais retraída. Voltando ao nosso passado recente, em 2009 para 2010, o banco teve uma atuação anticíclica importante e foi muito bem-sucedido. O Brasil teve apenas três trimestres de estagnação entre 2008 e 2009 e, já no final de 2009, estava crescendo de novo, enquanto tivemos países latino-americanos com queda de PIB de mais de 5%, sem falar na Europa, que quase quebrou o euro, e na reação lenta da economia dos Estados Unidos.

>> "O governo não deveria vender a Eletrobras para gerar caixa", diz Nelson Barbosa

ÉPOCA – Quais deveriam ser as prioridades de investimento do BNDES no caso de uma guinada para uma postura mais expansionista?

Fiocca – O BNDES essencialmente já tem boas diretrizes e políticas operacionais. O banco financia exportação e especialmente infraestrutura, como energia elétrica e transporte. Há um consenso entre os economistas de que o impacto de obras de infraestrutura é mais amplo. Uma estrada tem uma capacidade de gerar desenvolvimento em seu redor muitas vezes maior do que o custo inicial. Também vejo positivamente o financiamento a pequenas empresas, por meio do cartão BNDES. Proporcionalmente ao volume de investimentos, essas empresas geram mais empregos. O benefício social é muito grande.

ÉPOCA – Em que áreas o BNDES deveria deixar de atuar?

Fiocca – Acho mais importante a discussão sobre quais linhas devem ser aperfeiçoadas do que propriamente quais são as que o BNDES não deveria atuar. Hoje o banco atua praticamente em todas, à exceção do financiamento habitacional, que fica sob a responsabilidade da Caixa Econômica Federal. Muitas vezes, quando os economistas e comentaristas na mídia discutem diretrizes e prioridades, parece que essas coisas são muito distintas. Mas, quando se vai à prática, as coisas não se diferenciam tanto. Essa discussão, o corpo técnico do BNDES faz quase permanentemente. É por isso que o setor de varejo não tem condições tão boas quanto a infraestrutura, por exemplo. Ou que o investimento em bens de capital, que é outro elemento fundamental para a produtividade da economia, tem um tratamento melhor do que capital de giro. Quando se sai do debate abstrato dos economistas e se vai para os assuntos operacionais, o BNDES está muito bem ajustado.

>> "No mundo, sobra dinheiro. No Brasil, há muito a privatizar", diz Henrique Meirelles

ÉPOCA – O senhor acha que o envolvimento do BNDES na Operação Lava Jato pode influenciar no desempenho das operações do banco daqui para a frente?

Fiocca – A excessiva politização sobre as políticas e operações do BNDES e mais recentemente um tratamento policial atrapalham a eficácia do banco. Sua capacidade de aprovar, acompanhar e ajudar a viabilizar projetos fica

opinião pública. Acho que a tarefa mais importante do governo e da direção do banco agora deve ser ajudar a construir um ambiente para que os funcionários tenham paz e tranquilidade para trabalhar.

ÉPOCA – O senhor acredita que as suspeitas levantadas em relação à atuação do banco são equivocadas?

Fiocca – Saí de lá há dez anos, mas minha intuição pelo que conheço do banco é que as denúncias são equivocadas. Portanto, o banco está sendo vítima de uma campanha negativa. Outra coisa é que esse tratamento de alta visibilidade, como a condução coercitiva de técnicos do banco, faz com que o funcionário se retraia. Preservar o funcionário do banco, que em geral faz carreira de 20, 30 anos dentro da instituição, é essencial para garantir que ele continue operando de forma eficiente. O que a gente vê agora são técnicos passando por constrangimentos por participar de operações que nem sequer deram errado. A JBS, que eu saiba, não ficou inadimplente com o banco. As operações de investimento em ações deram um grande ganho para o banco até antes do escândalo. Imagina o sujeito que fez a operação cinco anos atrás numa época em que para o banco estava tudo certo. Ele de repente amanhece com a polícia na frente da casa dele, com os vizinhos olhando o nome dele no jornal. Ele não tem culpa. Seguiu todas as políticas e teve aprovação de todas as áreas necessárias. É de imaginar a insegurança que esse mesmo técnico agora tem de assinar operações.

>> "Dilma deveria ter cortado o gasto público", afirma Nelson Marconi, economista desenvolvimentista

ÉPOCA – O senhor acredita que seja possível “blindar” o BNDES dos interesses de determinado grupo político?

Fiocca – Faz parte da democracia que diferentes forças políticas e visões econômicas disputem a liderança do país e que os instrumentos do Estado tenham diretrizes que sigam as visões de governos. Vale ressaltar, na minha leitura, que o banco não merece ser criticado por sua atuação, que foi competente e correta. Até onde eu sei, ele atuou de maneira técnica e imparcial, seguindo diretrizes que fazem sentido dentro das diferentes visões econômicas que prevaleceram ao longo dos últimos anos. Acho que o banco atuou de maneira coerente. Do ponto de vista técnico, o banco está capacitado tanto para ter uma atuação mais conservadora, mais de nicho e concentrado em falhas, quanto para ter uma atuação mais ampla, de ter um papel mais importante no crescimento do PIB.

>> O BNDES deve abrir o cofre na crise?

>> Elena Landau: "A ação do BNDES deve ser de longo prazo, nem pró-cíclica nem anticíclica"